

Os fundamentos da paz

Uma entrevista com Prem Rawat



Entrevistadora: - É realmente uma honra para mim entrevistar alguém que viaja pelo mundo levando uma mensagem fundamental, uma mensagem profunda que vai direta ao coração, à alma dos seres humanos. Hoje, vamos entrevistar Prem Rawat.

PR: - Obrigado por me receber.

Entrevistadora: - Tenho muitas perguntas para si. Estou muito curiosa sobre como uma mensagem como a sua é recebida no mundo de hoje.

PR: - A mensagem, realmente, é muito simples. Porque o que diz é: "Aquilo que estão à procura está dentro de vocês. Vocês têm as respostas. Há perguntas, mas vocês têm as respostas."

Entrevistadora: - A sua mensagem é uma mensagem que traz paz. Paz a cada pessoa.

PR: - Não é a paz política. É uma paz real. Só os seres humanos podem sentir isso. Porque quando dizemos que: "A paz é o fim da guerra," ou "ausência de guerra", isso é só um sintoma. A guerra acontece porque há falta de paz dentro das pessoas.

Entrevistadora: - Há tantos livros e tantas pessoas que falam da paz no mundo. Como é que a sua mensagem é diferente?

PR: - A minha mensagem é: "Sintam. Não falem apenas disso. Não analisem apenas. Não a tentem justificar. Mas sintam." Um exemplo que eu dou sempre é, que podem ter milhares de livros de culinária, mas quando têm fome, precisam de comida.

Entrevistadora: - Compreendo. Foi-lhe dado o título de "Embaixador da Paz." Para com quem é o seu compromisso?

PR: - O meu compromisso é com a paz. O meu compromisso é com as pessoas. Eu fui criado pelo mesmo poder que criou cada ser humano à face desta Terra. Eu fui criado pelo mesmo poder que criou este universo. Não há nenhuma diferença entre mim e cada ser humano à face desta Terra. A única diferença é que eu sei onde está a água e a todos os que têm sede, eu quero dizer-lhes onde está a água. Mas isso não quer dizer que eu não fique com sede. Isso não significa que eu seja diferente. Não sou. Sou um ser humano, sujeito às mesmas regras: nascimento, vida, morte. Como toda a gente. Somos só nós, seres humanos, à face desta Terra, que podemos fazer a diferença uns para os outros.

Entrevistadora: - Acredita em Deus?

PR: - Claro.

Entrevistadora: - Pertence a alguma religião?

PR: - Primeiro perguntou-me se eu acreditava em Deus. E o que eu gostaria de dizer é que eu senti esse Deus dentro de mim. Deus está dentro de nós. Não numa montanha qualquer. Não no fundo do oceano. Assim, para mim, eu encontrei a minha religião. A minha religião é olhar para dentro de mim.

Entrevistadora: - Que tipo de pessoas escutam a sua mensagem? Diria que qualquer um de nós é capaz de olhar para dentro, de procurar dentro de nós?

PR: - Sim, acho que as pessoas que escutam esta mensagem são de todas as proveniências. Porque, neste mundo, fazemos distinções: "Rico, pobre. Deste país, daquele país." Mas às vezes esquecemos as

nossas semelhanças. Acima de tudo, somos seres humanos. E se são seres humanos e sentem essa sede na vossa vida, então se alguém fala de água, vão ouvir.

Entrevistadora: - Diz que a paz não é a ausência de guerra. Às vezes transmitiu a sua mensagem em lugares perto de zonas de guerra. Como mantém essa força e integridade num ambiente desses?

PR: - Eu acho que a mensagem se entrega por si própria. Porque quando se pensa mesmo nisto, o que as pessoas querem é prosperidade. O que eu vi na minha vida é que nós só queremos algum espaço. Acreditar no nosso Deus do modo que queremos. Prosperar, crescer, ter uma vida melhor. Essas coisas não são contra a paz. Então, quando esta mensagem é apresentada, mesmo que possa estar rodeada de guerra, ainda assim alcança um lugar dentro dos seres humanos, onde eles não querem essa guerra. Mesmo no meio da guerra, há pessoas que não a querem. Assim, mesmo na escuridão, há uma vela. E a vela está acesa.

Entrevistadora: - No ano passado foi convidado do Parlamento Europeu numa altura em que a crise financeira se estava a tornar óbvia e as pessoas estavam a assustar-se.

PR: - Toda a gente estava muito preocupada com a crise. Mas sabe o que esquecemos? É que as crises já vieram e desapareceram. Acontecem coisas boas, acontecem coisas más. E a minha mensagem é: o que queriam quando tudo estava bem? E agora que as coisas não estão bem, o que querem? Porque é muito óbvio: as pessoas querem paz.

Entrevistadora: - Disse que a prosperidade sem paz leva ao caos. Explique o que quer dizer com isso?

PR: - Se não houver paz e o foco estiver apenas na prosperidade, a ganância, o medo e a dúvida começam a ser os fatores que dirigem a prosperidade. Mas a prosperidade que acontece em tempos de paz baseia-se em alicerces muito fortes. Assim, quando falta a paz, a prosperidade vem, mas por causa da ganância, desaparece. E tudo o que sobra é o caos.

Entrevistadora: - Esteve há pouco em São Paulo, no Brasil, onde disse que a paz é um direito fundamental.

PR: - Absolutamente. É um direito de cada ser humano. Não importa quem sejam, onde estejam, o que saibam, o que não saibam, em que acreditam. É um direito fundamental de cada ser humano poder ter paz na sua vida. Porque a origem da paz está em cada ser humano. A semente está lá. Precisa de ser plantada.

Entrevistadora: - Foi nomeado para o Prémio Nobel da Paz. Como descreveria a sua batalha?

PR: - Pela paz. Estou a lutar pela paz. Contra a ignorância, contra todas as ideias de porque não deve haver paz. Porque quando eu falo sobre haver paz, há tantas pessoas que dizem porque não pode haver paz. Eu lembro-lhes que quando chegou a altura de irem à lua, a razão pela qual foram à lua foi por causa das pessoas que disseram: "Sim, pode ser feito."

Entrevistadora: - Quais têm sido as suas maiores dificuldades?

PR: - As minhas dificuldades são que há uma tal mentalidade do porquê de todas as coisas boas de que eu falo não poderem acontecer. Parece haver uma tal tendência de não olhar para o que nos foi dado como seres humanos. Dizer que se sete biliões de

peças fizeram da paz a sua prioridade, que não teríamos paz... Eu não consigo imaginar isso!

Entrevistadora: - Claro! A tecnologia pode ser controversa em alguns destes processos, mas ao mesmo tempo, é uma grande facilitadora da sua mensagem.

PR: - É. Desde muito novo sempre vi o potencial da tecnologia. Porque um dos desejos básicos que os seres humanos tiveram foi comunicar! Utilizar isso para comunicar sobre a paz, é uma via muito natural. Não é a tecnologia que está em falta, mas sim aquilo para que a usamos. A tecnologia pode ajudar a trazer a paz. Ou a tecnologia pode ajudar a trazer guerras. A tecnologia é um pouco como uma faca de cozinha. Pode cortar os legumes, ajudar a alimentar-nos. Ou pode cortar-nos. Eu sinto sinceramente que quando a mentalidade for usada para a paz, vai ser maravilhoso juntarmo-nos.

Entrevistadora: - O sucesso. Para algumas pessoas, o sucesso é a felicidade da família, a realização de uma carreira. Outras pensam que o sucesso é ganhar muito dinheiro. O que é o sucesso para si?

PR: - Para mim a questão é que as pessoas pré-definiram o que o sucesso significa para elas. Tentamos alcançar isso, dia e noite. Às vezes envolvemo-nos tanto a fazê-lo que não fazemos a nós próprios a pergunta fundamental: "Hoje, estou feliz?" "Estou feliz hoje?" Porque para a maioria das pessoas a resposta é: "Oh, serei feliz quando tiver sucesso." E a minha questão é, claro que devem ser felizes quando alcançarem o sucesso. Mas deviam ser felizes em cada dia, procurando o vosso sucesso.

Entrevistadora: - Eu li que tem uma grande preocupação pelas pessoas que estão na prisão e que elaborou um projeto para ensinar a paz nas prisões. Quanta esperança tem nestes projetos maravilhosos?

PR: - Tenho muita esperança! A minha esperança não é uma esperança cega. Estes projetos estão a dar resultados incríveis. Estão a trazer uma mudança profunda na vida das pessoas. Porque muitas vezes a sociedade diz: "Esta pessoa fez isto errado." A Justiça aplica o seu castigo e depois toda a gente se esquece. Eu digo: "Ainda é uma pessoa. Ainda é um ser humano!" Talvez o que eles perderam tenha sido a esperança neles próprios, o saber que a origem da sua paz não está fora, mas dentro deles. Levar-lhes essa esperança, levar-lhes esta liberdade única, mesmo quando estão na prisão.

Porque é isso que a esperança faz. Quando pensamos nisto, todos precisamos de esperança, quer estejamos na prisão, quer estejamos fora da prisão. Assim, estes projetos têm tido um sucesso incrível porque tratam do essencial. Nem sequer apontam para um resultado específico, mas o resultado é óbvio.

Entrevistadora: - Como é possível que uma pessoa atormentada porque fez algo de errado, porque fez mal a outra pessoa, encontre essa paz?

PR: - A paz está dentro delas. Como um ser humano, uma das maiores capacidades que temos é aprender com os nossos erros e tornarmo-nos melhores. Não só para nós, mas para todas as pessoas que nos rodeiam. Quando conseguimos fazer isso, é a melhor coisa que podemos fazer. Estar cheio de esperança. Ser um membro produtivo da sociedade.

Ajudarmo-nos uns aos outros, criar um mundo melhor para nós próprios, para os nossos filhos, para os filhos deles e para as gerações que estão para vir. E se fizermos um erro, precisamos de nos elevar acima disso. Precisamos de aprender com isso. Mas sinto que essas também são as lições de cada dia. Fazemos pequenos erros.

Infelizmente algumas pessoas, fazem erros mesmo grandes. Mas precisamos de seguir em frente. É a única esperança que temos.

Entrevistadora: - Fundou a Fundação Prem Rawat. Qual é o objetivo principal dessa Fundação?

PR: - O objetivo principal da Fundação é levar a mensagem de paz às pessoas. E em segundo lugar, reconhecer as necessidades humanas, ajudar as pessoas, com dignidade, a elevarem-se. Ajudá-las nas alturas de necessidade. Mas eu ainda sinto que em boas alturas e em más alturas, precisamos sempre de paz. A Fundação Prem Rawat é uma fundação muito única. Reconhece que é preciso haver prosperidade. Reconhece que é preciso haver dignidade. E reconhece que é preciso haver paz. Essas coisas não precisam de estar desligadas umas das outras.

Entrevistadora: - O que quer dizer quando diz "dignidade?"

PR: - Nas nossas vidas, todos passamos por alturas difíceis. Ainda queremos sentirmo-nos humanos. É muito importante para nós que alguém reconheça a nossa existência, não só em tempos bons, mas também em tempos maus. Aproximar-se das pessoas que podem estar a passar por alturas difíceis e devolver-lhes a sua dignidade, para que se sintam humanos. A dignidade é incrivelmente importante tanto quanto a prosperidade. De facto, tanto quanto a paz.

Entrevistadora: - É necessário que as pessoas que buscam a paz interior e que se envolvem num processo de reflexão com esse fim, é necessário que abandonem os seus bens materiais, as suas famílias e o seu envolvimento mundano?

PR: - Não, não, não, não, não. Não, de maneira nenhuma. Porque desde o dia em que nasceram até ao dia em que morrem, transportam as sementes de paz dentro delas. Estão sempre lá. Claro que devemos prosperar neste mundo. E ao mesmo tempo, sem sacrificar nada, ter paz nas suas vidas.

Entrevistadora: - E essa é a sua mensagem?

PR: - Essa é a minha mensagem.

Entrevistadora: - Muito obrigada por esta entrevista.

PR: - Obrigado.

Entrevista: cortesia da Willax TV

Entrevistadora: Cecilia Valenzuela